
Apresentação

A cultura, as culturas: quais enfoques semióticos?*

Verónica Estay Stange**

Mariana Luz Pessoa de Barros***

Um dos fundamentos da semiótica greimasiana é, como sabemos, o princípio de imanência. Debatido, criticado e ajustado, esse princípio resiste e, recentemente, deu origem a importantes trabalhos que fomentam o seu desenvolvimento (Ruiz Moreno; Zinna, 2014). Assim, a extensão do princípio de imanência abriu duas grandes linhas de pesquisa que parecem marcar as reflexões contemporâneas: a linha fenomenológica e a linha que chamamos *praxeológica*. Esta última se centra nas práticas e trocas comunicativas que estruturam as comunidades de pertencimento. Essas duas orientações – contidas em germe nas reflexões de A. J. Greimas – mobilizaram noções provenientes do uso corrente ou de outros domínios de especialidade e que, uma vez (re)definidas, aprofundadas e conceitualizadas, foram enriquecidas e tiveram sua função rearticulada no seio da teoria semiótica. Foi o caso, na *virada fenomenológica*, de termos como “percepção”, “figura” ou “corpo” e, na *virada praxeológica*, de termos como “justeza” (Bertrand), “ajustamento”, “contágio” (Landowski), ou “forma de vida” (Greimas e Fontanille). O presente número da revista *Estudos Semióticos*, dedicado à noção de “cultura”, orienta-se na mesma direção: já que esse termo vago, polissêmico e desgastado é comumente utilizado no nosso domínio (como em diversos outros) em relação a diferentes objetos, é possível revitalizá-lo, semiotizando-o, para que se integre à metalinguagem? Precisamos também nos perguntar se a semiótica necessita, de fato, dessa ferramenta conceitual. E, se a resposta for negativa, qual seria, então, a

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.188861> .

** Docente do Institut d'études politiques de Paris, França. E-mail: veronicaestay@hotmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9281-0630> .

*** Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), SP, Brasil. E-mail: maluzpessoa@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1662-2125> .

especificidade dos termos dos quais ela dispõe para dar conta do objeto recoberto por “cultura”?

Sabemos que o próprio Saussure (1916) definia a “semiologia” como “o estudo da vida dos signos *no seio da vida social*”; desse modo, esboçava, no fundo, um programa de cunho mais socioantropológico do que linguístico. Se relermos as primeiras reflexões propriamente semióticas, constatamos a centralidade conferida ao estudo *da* cultura ou *das* culturas: “A universalidade da cultura e as especificidades culturais constituem uma das metas da teoria semiótica que busca atingi-las e analisá-las sistematicamente através da diversidade das semióticas apreensíveis como axiologias ou como ideologias, e definíveis como modelos de ação e de manipulação” (Greimas; Courtés, 1979, verbete “sociosemiótica”). No entanto, observamos também uma grande dificuldade de estabelecer uma definição precisa do termo, que foi muitas vezes deixado de lado para dar lugar a outros, como “universo semântico”, “universo social”, “conotação social” e, mais tarde, “forma de vida”. A profusão lexicêmica ilustra bem a flutuação conceitual.

Apesar disso, a reflexão semiótica acerca da noção de “cultura” desenvolveu-se de forma clara e determinada a partir de dois grandes paradigmas: aquele que, recorrendo à antropologia, fundamenta-se sobre as categorias natureza/cultura, e aquele que, seguindo as proposições de Yuri Lotman acerca do que chamamos propriamente “semiótica da cultura”, remete a outra categoria, menos previsível: “a-significância”/cultura.

O primeiro paradigma, que está em relação estreita com a antropologia levistraussiana, baseia-se no postulado semiótico fundamental segundo o qual a categoria natureza/cultura é culturalmente determinada. Assim, ambos os termos são considerados como universos semióticos, remetendo essa “natureza”, inevitavelmente “culturalizada”, ao que entendemos por “semiótica do mundo natural” – um mundo estruturado como linguagem. Nessa perspectiva, os trabalhos de Philippe Descola (2005) – que, a partir de uma tipologia das formas de relação entre *si mesmo* e o *outro*, questionam o enfoque de Lévi-Strauss – convidam a (re)interrogar as fronteiras semióticas entre natureza e cultura, assim como “os limites de validade dos movimentos de generalização que [a semiótica] opera” (Fontanille; Couégnas, 2018). Mesmo contestando a posição levistraussiana frente ao que considera um excesso de abstração e de distância em relação à experiência de campo, Clifford Geertz também confirma a ligação entre semiótica e antropologia, ao definir esta última como uma “interpretação das interpretações”, como “essas teias [de significados] e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (1989, p. 4). A dimensão “metasemiótica” integra, portanto, a noção de “cultura”.

Quanto ao segundo paradigma, a oposição entre “a-significância” e cultura fundamenta-se, no âmbito da “semiótica da cultura”, no conceito de “semiosfera”, em contraste com o de “biosfera”. Grosso modo, a semiosfera pode ser concebida seja como um conjunto heterogêneo de formações semióticas que se situam em diferentes níveis de organização, seja como um “grande sistema”, no qual convergem os processos comunicativos resultantes de diferentes microssistemas modelizantes (Lotman, 1996). Enquanto a biosfera engloba o conjunto dos organismos vivos, a semiosfera diz respeito ao universo cultural, caracterizando-se pela reflexividade (capacidade de autodescrição). Dentro da semiosfera, mecanismos bilíngues garantem, por meio da “tradução”, trocas entre o interior e o exterior. O espaço interior é percebido como ordenado e seguro, já o espaço exterior, inclusive quando ocupado por outras semiosferas, é, geralmente, considerado como pertencente a outra forma de organização, mais ou menos instável, e até mesmo, segundo posições radicalizadas, como a negação da “cultura”. Ainda que o espaço interior seja “ordenado”, isso não significa que seja homogêneo. As estruturas situadas no centro são mais inativas e inertes que as da periferia, extremamente dinâmicas por conta de sua proximidade com o exterior (“o estrangeiro”) e de suas trocas constantes com ele. Os trabalhos mais recentes desenvolvidos em semiótica em torno desse paradigma – incluindo os que compõem este número – tendem, por um lado, a aprofundar o estudo dos movimentos que se operam entre núcleo e periferia no âmbito de uma mesma cultura, assim como dos processos de tradução intercultural (cf. Lorusso, 2019). Por outro lado, continuam a explorar o *outro* da “cultura” – o “nunca dito”, o “nunca imaginado” (Lancioni, 2005), a “a-significância”, até o “nenhum” (Leone, 2012) –, precisando sua definição e questionando em que medida pode se tornar objeto de uma sistematização (cf. a “tipologia das inculturas” proposta por Leone, 2012).

Dando prosseguimento aos questionamentos do princípio de imanência em semiótica, aos dois paradigmas evocados – natureza/cultura e a-significância/cultura –, veio somar-se um terceiro, que marca precisamente a *virada praxeológica*. Ele está fundamentado no estudo da práxis, para além do “universo semântico” que Greimas e Courtés consideravam como coextensivo à noção de “cultura”. De certa maneira, da cultura como texto passamos à cultura como prática. Os termos “estilo” (Discini, 2015), “estilo de vida” (Landowski, 1998) e “forma de vida” (Greimas, 1993) – cujas diferenças são discutidas por múltiplos autores deste dossiê – atestam essa mudança. Em particular, o conceito de “forma de vida”, ao designar princípios de conformação e organização coletivas que remetem a formas de linguagem (Wittgenstein), permitiu reconhecer a coerência de expressões em princípio heterogêneas, associando-as a conteúdos de ordem narrativa, axiológica ou passional (cf. Fontanille, 2017). Nessa perspectiva, consideramos interessante interrogarmo-nos, como fazem

algumas das presentes contribuições, sobre as relações entre o conceito de “forma de vida” e de “cultura”: seriam equivalentes – nesse caso, o primeiro seria sem dúvida mais operatório por ser menos polissêmico? Ou, ainda, há entre os dois diferenças de grau e extensão – a “cultura” designaria, nesse caso, não tanto uma “forma de vida” estabilizada, mas um entrecruzamento de formas de vida mais ou menos ajustadas entre si? Por fim, é possível conceber uma *semiótica da cultura* (diferente daquela de Lotman), fundada sobre o reconhecimento de “*arquiformas* de vida” (Colas-Blaise, 2012) que integrariam as formas de vida particulares com base em uma estrutura simbólica comum (cf. Basso, 2017)?

Essas pistas de pesquisa, atreladas a três paradigmas diferentes e complementares, orientam-se em direção à possibilidade de consolidar uma “teoria semiótica da cultura”. Tendo em vista tal objetivo, torna-se evidente a necessidade de dar início ou continuidade ao diálogo entre nossa disciplina e aquelas que se interessam, de perto ou de longe, pelo mesmo objeto – antropologia social e cultural, etnologia, sociologia, *estudos culturais*, etc. Trata-se, portanto, de identificar suas convergências e divergências sob o ponto de vista teórico e metodológico, a fim de reconhecer, com maior acuidade, a especificidade da semiótica no tratamento das práticas e dos objetos culturais. Aí reside o objetivo central deste número da revista *Estudos Semióticos*.

1. Teorizar a cultura

A primeira parte do dossiê – “Teorizar a cultura” – orienta-se claramente na direção apontada por seu título. Composta por cinco artigos, dedica-se à discussão e à conceitualização da noção de “cultura”, buscando determinar seu lugar na arquitetura da teoria semiótica e explorar as condições de sua integração à metalinguagem. Para isso, os textos dessa seção confrontam a semiótica com outras disciplinas que tratam do estudo da cultura, sobretudo a antropologia, cuja história também é esboçada.

Em “A utilização do conceito de cultura em semiótica”, José Luiz Fiorin (Universidade de São Paulo – USP) retoma as fontes clássicas da semiótica para estabelecer um diálogo com o pensamento de diferentes antropólogos. Considerando o modo como a cultura é conceituada e apreendida em outros domínios, interroga, de um ponto de vista semiótico, o papel de tal noção na constituição do universo semântico, bem como suas relações com a língua. A partir daí, discute a questão das autodescrições culturais (Lotman, 1981), fazendo uma breve análise do caso da cultura brasileira, em que, sob uma aparente valorização da mistura, revela-se a dominância da exclusão.

No segundo artigo do dossiê (“Semiótica e cultura: campos do conhecimento”), Norma Discini (Universidade de São Paulo – USP) também questiona a definição de cultura. Partindo da noção de “campo” de Bakhtin

(2003), concebe os campos do conhecimento como articulações semióticas da cultura. A literatura e a historiografia, entendidas como campos determinados por regimes particulares de totalização do sentido, são cotejadas, o que permite concluir que cada campo, vinculado a práticas e formas de vida específicas, articula de modo próprio a cultura. Com base nessas reflexões, a autora procura depreender o *éthos* da literatura e o *éthos* da historiografia, concebidos cada qual como uma *hexis* corporal determinada (Fontanille, 2008).

No artigo seguinte, “Nello specchio dell’antropologia: la natura, la cultura, il semiotico”, Franciscu Sedda (Università di Cagliari) examina diferentes posições antropológicas que versam sobre as relações entre natureza e cultura. Apesar da diversidade de perspectivas e métodos de tratamento, consegue mostrar sua coerência e revelar suas complexas correlações, que passam, muitas vezes, despercebidas. Numa rearticulação entre naturezas e culturas (no plural), chama a atenção para a dimensão relacional da semiótica. Dessas reflexões, retemos especialmente o que elas oferecem como possibilidade de ultrapassagem de um estudo da significação circunscrito ao humano.

Dando continuidade às aproximações entre semiótica e antropologia, Ludovic Chatenet (Université Bordeaux Montaigne) e Angelo di Caterino (CeReS, Université de Limoges), em “Retour vers la culture. La sémiotique et ses virages anthropologiques”, mostram como a “semiótica pós-greimasiana”, voltada para as práticas e a experiência, vem renovando o diálogo entre as duas disciplinas, sobretudo a partir das proposições de Latour e Descola, ao rediscutir a noção de cultura do ponto de vista dos coletivos e das ontologias. Assumem a posição de que, se a antropologia estrutural levistraussiana realizou o projeto de uma semiótica da cultura, também pode ser considerada uma semiótica de campo.

Para encerrar esta primeira parte do dossiê, Jacques Fontanille (CeReS, Université de Limoges) e Alain Perusset (Université de Lausanne), em “Les formes de vie entre pratiques et cultures, styles et idéaux de vie”, trazem para o centro da discussão a noção de “formas de vida”, vista como emblemática do novo papel que a semiótica vem assumindo no seio das ciências da cultura, a partir, principalmente, da “virada socioantropológica”, iniciada ainda nos anos 90. Reconhecendo a opacidade do conceito, os autores procuram torná-lo mais preciso, realizando um percurso que passa pela retomada de como as formas de vida se manifestam na experiência sensível; por sua confrontação com a noção vizinha de “estilos de vida”; pelo exame do modo como participa da caracterização das práticas e dos objetos; e pela explicitação da relação que estabelece com o conceito de “semiosfera”. A partir daí, propõem a noção de “ideal de vida”.

2. Identidade, alteridade, fronteira

A segunda parte deste volume – “II. Identidade, alteridade, fronteira” – apresenta de maneira mais específica o problema das relações entre o interior e o exterior da cultura (e das culturas), bem como entre o *eu* e o *outro*. Suas quatro contribuições, tanto teóricas quanto analíticas, revelam o caráter dinâmico dessas relações, tal como se manifestam nas operações de tradução, adaptação, apropriação, acolhimento, entre outras. Nesse sentido, o artigo de Eduardo Yalán Dongo (Universidad de Lima y Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas – UPC), José Miguel Guerra (Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas – UPC) e Robinson Campos (Universidad de Salamanca) – De la frontera al umbral: transformaciones de la *semiosfera* cultural en Lotman y Zilberberg – propõe uma amplificação do modelo de semiosfera de Lotman, tomando por base a gramática tensiva de Claude Zilberberg. Para os autores, a semiosfera, considerada em ato e, ainda, a partir de uma perspectiva experiencial e descentrada, não se reduziria a assimetrias estáticas entre o centro e a periferia. Concebida como uma “semiosfera dos limiares”, implicaria também deslocamentos horizontais e centrífugos. Seguindo essa hipótese, o artigo faz uma revisão crítica da literatura representativa das propostas de Lotman e Zilberberg, em busca de uma possível articulação entre as duas perspectivas.

Já Juan Manuel Montoro (Universidad de Santiago de Compostela) e Sebastián Moreno Barreneche (Universidad ORT Uruguay), em “Towards a Social Semiotics of Geo-cultural Identities”, propõem um modelo semiótico para tratar das “identidades geoculturais”, concebidas como identidades coletivas ancoradas numa materialidade geográfica específica. Após a exposição dos fundamentos teóricos desse projeto, passam à apresentação de uma tipologia dessas identidades, estabelecida a partir da articulação entre *continuidade* e *descontinuidade*. Essa tipologia prevê quatro tipos de identidades geoculturais – as identidades nacionais, transnacionais, supranacionais e subnacionais – cujos papéis singulares na construção do sentido são também analisados.

Numa outra perspectiva, Silvana Citlalli Torres Campoy (Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM y Universidad Intercultural del Estado de México – UIEM), no artigo “La apropiación de los saberes tradicionales en México: una perspectiva semiótico-pragmática”, também reflete sobre a questão das identidades, tomando por objeto a medicina mexicana. Como parte dos símbolos que compõem as culturas indígenas, que a desenvolveram e a vem utilizando ao longo de gerações, tal medicina assume um papel importante para a diversidade cultural do país. A autora estuda o modo como certos agentes se apropriaram desses conhecimentos e práticas, de forma a beneficiar-se deles. Fundamentando-se na teoria semiótico-pragmática de Peirce, explora ainda as implicações dessa forma de apropriação, possibilitada pelo processo de

transmutação de símbolos e mudanças de crenças, revelando, assim, o intercâmbio simbólico inevitável que ocorre na interação entre culturas.

Dando continuidade ao debate acerca do encontro entre culturas, Alexandre Marcelo Bueno (Universidade Presbiteriana Mackenzie), em “Entre o peixe e o xamã: processos semióticos no encontro intercultural”, toma por base a semiótica discursiva, assim como a semiótica da cultura, na busca por lançar luz ao fenômeno da interculturalidade. Considerando a língua e o discurso como espécies de índices de um processo de recepção da cultura do imigrante, examina os possíveis tipos de reação da sociedade receptora, neste caso a sociedade brasileira contemporânea. Para isso, dois exemplos são analisados: o de tradução de uma figura religiosa da cultura aimará e o de normalização da presença de um prato incomum no Ocidente, o sashimi. A partir desses dois casos, o autor discute os estranhamentos e as familiaridades de sentidos que o encontro entre duas culturas pode produzir.

3. Cultura, engajamento e política

Tendo em vista as abordagens “engajadas” e “militantes” da cultura desenvolvidas atualmente, sobretudo no domínio dos *estudos culturais*, surge, inevitavelmente, a questão da “justa distância” do semioticista. Essa questão torna-se ainda mais premente quando o pesquisador em semiótica é confrontado com objetos que, longe de serem “neutros” a seus próprios olhos, forçam-no a uma tomada de posição. Se a semiótica possui, por definição, uma vocação “crítica” (cf. Marrone, 2017), sua visada *objetivante* impõe, no entanto, um olhar “distanciado” – espécie de “epoché” epistemológica. Nesse contexto, podemos nos perguntar o que se passa com princípios éticos, como o “engajamento” e a “implicação” (cf. Alonso; Bertrand; Darras; Di Scullo, no prelo), princípios aos quais os *estudos culturais* – com sua vasta ramificação: *Post-colonial Studies*, *Memory Studies*, *Trauma Studies*, etc. – conferem um sentido totalmente político, assumindo-os como regra metodológica.

Refletindo sobre essas questões, três artigos integram a terceira parte do dossiê: “III. Cultura, engajamento e política”. Em “Gesto teórico, gesto político. A semiótica diante dos *Cultural Studies*”, Verónica Estay Stange (Institut d'études politiques de Paris) propõe, justamente, um cotejamento entre esses dois campos disciplinares, questionando-se a respeito dos desafios que os fenômenos culturais “extremos” impõem à semiótica. Seu ponto de partida para essa reflexão é sua experiência como pesquisadora do tema da memória da ditadura chilena e como membro de uma família marcada por essa história. Retomando reflexões prévias, desenvolvidas com Raphaël Horrein, reflete sobre os pontos de encontro e de ruptura entre o “gesto teórico” e “o gesto político”, e entre a semiótica e os *estudos culturais*, a partir de um horizonte ético.

O tema da memória aparece também no artigo de Mario Panico (Università di Bologna), “Longevità della cultura. La memoria al vaglio semiotico”, que investiga a correlação cultura-memória, proposta na teoria de Lotman e por pesquisadores da Escola Semiótica de Tártu. O autor apresenta uma reflexão sobre o conceito de “longevidade”, entendido aqui como “durabilidade semântica” de determinados textos e códigos, associados a traços específicos e comuns à cultura e à memória, como seu caráter relacional e retrospectivo, ou sua dimensão diacrônica. Além disso, relaciona a longevidade aos processos de filtragem e esquecimento, com o objetivo de enfatizar o componente político da cultura e da memória na teoria semiótica.

Em “A doméstica como síntese do racismo brasileiro: discurso, formas de vida e cultura”, Matheus Nogueira Schwartzmann (Universidade Estadual Paulista – UNESP) dá continuidade ao debate acerca de uma semiótica que “não recusa a história, não recusa a dimensão social e cultural do discurso, porque toma o *sentido* como seu objeto, na tensão entre o social e o individual, na temporalidade do mundo e do próprio discurso”. Inicia seu artigo por uma discussão de base teórica a respeito das práticas e formas de vida e, ainda, das “arquiformas de vida” (Colas-Blaise, 2012). Em seguida, passa a examinar o estatuto semiótico do lexema “doméstica” e seus usos no Brasil ao longo da história. A partir de operações intertextuais, interdiscursivas, de tradução e interpretação, detalha a organização e o funcionamento da arquiforma de vida do racismo na sociedade brasileira.

4. Marginalidades e crises culturais

Na última parte do dossiê, o sintagma “semiótica da cultura” convida-nos não somente a questionar a definição e os pressupostos epistemológicos da noção de cultura, mas também a refletir sobre a maneira como a semiótica pode dar conta desta ou daquela cultura, microcultura, ou subcultura, confrontando suas ferramentas conceituais com os objetos e fenômenos culturais contemporâneos. Podemos pensar, por exemplo, nas práticas cotidianas, aparentemente, mais “banais”, cuja profundidade está ainda à espera de ser revelada (cf. Marsciani, 2017). Podemos pensar também nas grandes “crises” da cultura – da “viralidade digital” à “viralidade pandêmica”, passando pelos grandes conflitos migratórios e pelos colapsos econômicos. Ao intensificarem certos traços estruturais do coletivo confrontado com a ameaça, esses momentos de crise permitem apreendê-los de maneira “amplificada”. Além disso, ao conduzirem o sistema cultural em direção a um alto grau de “entropia”, oferecem a possibilidade de examinar as mudanças de direção, a emergência de novas formas de organização, assim como os problemas de aprendizado, de apropriação e de transmissão (cf. assuntos tratados no *Séminaire de Sémiotique de Paris*, em

2014-1917). Sob a forma do “acontecimento” (Zilberberg), do “acidente” (Landowski) ou da “explosão” (Lotman), esses momentos privilegiados para analisar o funcionamento e as dinâmicas de transformação das práticas culturais, das crenças e das ideologias constituem também um desafio para os modelos teóricos e metodológicos, que, a partir daí, podem ser revistos, modificados e até mesmo refutados pelos pesquisadores.

Esses são, portanto, os temas aos quais se dedicam os cinco artigos que compõem a quarta parte do dossiê: “Marginalidades e crises culturais”. No que diz respeito às “culturas marginais”, encontramos, nessa seção, uma análise da “preguiça” como prática coletiva, da conspiração no Brasil e da cultura mexicana da droga. No que concerne às “crises culturais”, são abordados dois grandes fenômenos que marcam a sociedade contemporânea: a “pós-verdade” e a Covid-19.

Em “Culture and Politics of Laziness: From Fairy Tales to Oblomov and Bartleby”, Gianfranco Marrone (Università di Palermo) defende a tese de que a preguiça não é somente uma propriedade psicológica de um sujeito individual, mas pode ser também uma paixão coletiva e, assim, uma forma de rebelião contra aqueles que, numa dada cultura, consideram a atividade como bem supremo. A partir da análise de diversos textos, mostra que o preguiçoso, resistindo a sua maneira, está longe de ser um sujeito que “não faz nada”.

Na sequência, Paolo Demuru (Universidade Paulista – UNIP), em seu artigo “Teorias da conspiração e populismo messiânico no Brasil contemporâneo: uma perspectiva semiótico-cultural”, fundamentando-se numa abordagem semiótico-cultural que dialoga com os estudos de glocalização, reflete de maneira crítica sobre as relações entre o populismo e as teorias da conspiração no Brasil. Defende a ideia de que, no caso brasileiro, a narrativa construída em torno de um simulacro de “salvador da pátria”, assumida pelo discurso de Bolsonaro, adquiriu formas e tons relacionados à semiosfera religiosa brasileira, em particular ao messianismo de matriz evangélica, que ao longo das décadas recentes veio constantemente ganhando mais adeptos.

A isotopia religiosa se faz presente também em “La espiritualidad y la religión en la narcocultura. Una aproximación desde la semiótica”, artigo de María Luisa Solís Zepeda (Seminario de Estudios de la Significación, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla). A autora, a partir da fundamentação da semiótica da cultura proposta por Lotman e da semiótica de base greimasiana, toma como objeto de análise o narcotráfico no México, entendido como uma prática que leva a uma forma de vida específica. Zepeda revela a complexa relação que se estabelece entre essa subestrutura e a semiosfera da cultura mexicana, e ainda o papel da dimensão religiosa para o tensionamento dessa relação.

No que diz respeito às crises e transformações próprias à cultura contemporânea, a contribuição de Anna Maria Lorusso, “Logique de l’information et sémiotique de la culture” (Università di Bologna), examina um conjunto de fenômenos bastante representativos dos desafios “veridictórios” que a sociedade atual enfrenta: a “pós-verdade”, as “fake-news” e a “infodemia”. Analisa, em particular, o impacto dos novos meios de comunicação sobre o que se entende por “realidade” e suas relações com a “verdade”. Sua premissa central é a de que a “lógica da informação” contemporânea está fundada sobre uma confusão entre “regimes de verdade” (Foucault), o que faz com que os parâmetros do “verdadeiro” remetam, nos dias atuais, exclusivamente à “autenticidade”. Com base nessa análise, a autora chama a atenção para o interesse de uma semiótica da cultura frente aos enfoques estritamente comunicacionais.

O último artigo do dossiê – “Covid-19. O vírus e suas variantes semióticas”, de Denis Bertrand (Université Paris 8 – Vincennes-Saint-Denis) e Ivan Darrault-Harris (Université de Limoges) – insere-nos de forma ainda mais radical no tempo presente, ao tratar das “convulsões” causadas pela epidemia de Covid-19. Os autores tratam de questões como a flutuação do gênero *da* ou *do* Covid-19, o papel actancial do vírus, a inversão de valores, a disseminação do destinador, a proliferação de antissujeitos (o vírus e suas variantes), a crise veridictória e as mudanças abruptas nas relações proxêmicas induzidas pela pandemia. Interrogam-se sobre o “mundo de depois” da pandemia, assim como sobre a possibilidade de uma sociedade paradigmaticamente diferente da nossa, na qual a humanidade se organizaria como um actante coletivo mobilizado contra as mudanças climáticas; uma utopia que se opõe à hipótese, infelizmente mais provável, de um retorno precipitado às práticas anteriores, ditadas pela força cultural do *hábito*.

Em suma, considerando a fecundidade da reflexão sobre a cultura e sobre as culturas em semiótica, bem como a necessidade de tornar mais precisa essa noção, este dossiê temático da revista *Estudos Semióticos* reúne contribuições teóricas e analíticas em torno dos três grandes eixos que originaram nossa reflexão e que foram enriquecidos pelas contribuições que aqui apresentamos: (i) a conceitualização e a definição da noção de “cultura” (com seus limites e fronteiras); (ii) a atualização das relações entre a semiótica e outras disciplinas que também se dedicam ao estudo da cultura; (iii) as análises concretas dos fenômenos culturais contemporâneos, locais e globais, desde as práticas cotidianas até as grandes crises transculturais, que permitem questionar o valor heurístico dos modelos existentes, evidenciando as dinâmicas que tensionam as relações sociais, entre persistência e transformação, perda e aquisição, transmissão e invenção. ●

Referências

- ALONSO, Juan; BERTRAND, Denis; DARRAS, Bernard; DI SCIULLO, Flore. *Actes du Colloque Sémiotique, implication et engagement*. Réseau Doctoral Grand Paris Sémiotique RD-GPS, 19-20 octobre 2018, no prelo.
- BASSO, Pierluigi. *Vers une sémiotique écologique de la culture. Perception, gestion et réappropriation du sens*. Limoges: Lambert-Lucas, 2017.
- COLAS-BLAISE, Marion. Forme de vie et formes de vie. *Actes Sémiotiques* [online], 115, 2012. Acesso em 29/04/2020. URL : <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/2631>
- DESCOLA, Philippe. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard, 2005.
- DISCINI, Norma. *Corpo e estilo*. São Paulo: Contexto, 2015.
- FONTANILLE, Jacques; Couégnas, Nicolas. *Terres de sens. Essai d'anthroposémiotique*. Limoges: Pulim, 2018.
- FONTANILLE, Jacques. *Formes de vie*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2017.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989 [1973].
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1979.
- GREIMAS, Algirdas Julien ; FONTANILLE, Jacques. Le beau geste. In : FONTANILLE, Jacques (org.). *Les formes de vie / Forms of Life, Recherches Sémiotiques - Semiotic Inquiry* (RSSI), vol. 13, n. 1-2, 1993.
- LANCIONI, Tarcisio. Appareils de capture. Pour une sémiotique de la culture. *Actes Sémiotiques* [online], 118, 2015. Acesso em 30/04/2020. URL : <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/5399>
- LANDOWSKI, Eric. *Présences de l'autre. Essais de socio-sémiotique*. Paris: PUF, 1998.
- LEONE, Massimo. Semiótica de lo bárbaro: para una tipología de las inculturas. *Signa: revista de la Asociación Española de Semiótica*, n. 21, 2012.
- LORUSSO, Anna Maria. Sémiotique et culture. In: BIGLARI, Amir (éd.). *La sémiotique et son autre*. Paris: Kimé, 2019.
- LOTMAN, Yuri. *La semiósfera I. Semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Cátedra, 1996 [1984].
- MARRONE, Gianfranco. *Sémiotique et critique de la culture. Espace, nourriture, nature, objets*. Limoges: Pulim, 2017.
- MARSCIANI, Francesco. *Les arcanes du quotidien. Essais d'ethnosémiotique*. Trad. R. Troqe. Limoges: Pulim, 2017.
- RUIZ MORENO, Luisa; ZINNA, Alessandro. *Tópicos del Seminario*, vol. I-III, "La inmanencia en cuestión", n. 31, 32, 33. Puebla: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2014-15.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*, 1916.

Culture, cultures: which semiotic approaches?

 ESTAY STANGE, Verónica

 BARROS, Mariana Luz Pessoa de

Como citar este artigo

ESTAY ESTANGE, Verónica; BARROS, Mariana Luz Pessoa de. A cultura, as culturas: quais enfoques semióticos? *Estudos Semióticos* [online], volume 17, número 2. Dossiê temático: “A Semiótica e a cultura”. São Paulo, agosto de 2021. p. i-xi. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

ESTAY ESTANGE, Verónica; BARROS, Mariana Luz Pessoa de. A cultura, as culturas: quais enfoques semióticos? *Estudos Semióticos* [online], vol. 17. 2. Thematic issue: “Semiotics and culture”. São Paulo, august 2021. p. i-xi. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 License.

